

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

para casamentos, baptiza casamentos, bapti para casamentos, baptiza casamentos, bapti  
santos e banquetes, E santos e banquetes, E santos e banquetes, E santos e banquetes, E  
nua de positaria da abnua de positaria da abnua de positaria da abnua de positaria da abnua  
mida Guarana Espumante Guarana Espumante Guarana Espumante Guarana Espumante  
te e do excellent chocolate e do excellent chocolate e do excellent chocolate  
hab Lacta, fabricados em hab Lacta, fabricados em hab Lacta, fabricados em  
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos  
milla Loureiro & Companhia Loureiro & Companhia Loureiro & Companhia Loureiro & Cia  
J. Conditaria Brasil 691 Conditaria Brasil 691 Conditaria Brasil 691 Conditaria Brasil 691  
ha de docemente de 2 anos, docemente de 2 anos, docemente de 2 anos, docemente de 2  
Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem

especialidades em doces, especialidades em doces  
para casamentos, bapti para casamentos, bapti  
santos e banquetes, E santos e banquetes, E  
nua de positaria da abnua de positaria da abnua  
mida Guarana Espumante Guarana Espumante  
te e do excellent chocolate e do excellent chocolate  
hab Lacta, fabricados em hab Lacta, fabricados em  
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos  
milla Loureiro & Companhia Loureiro & Companhia Loureiro & Cia  
J. Conditaria Brasil 691 Conditaria Brasil 691 Conditaria Brasil 691 Conditaria Brasil 691





**Obra publicada pela  
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Antonio Cesar G. Borges  
Vice-Reitor: Prof. Telmo Pagana  
Xavier

Pró-Reitor de Extensão e Cultura:

Prof. Vitor Hugo Borba Manzke

Pró-Reitor de Graduação: Prof. Eliana Póvoas Brito

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Manoel de Souza Maia

Pró-Reitor Administrativo: Francisco Carlos Gomes Luzzardi

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Élio Paulo Zonta

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Volmar Geraldo da Silva Nunes

**CONSELHO EDITORIAL**

Prof. Dr. Antonio Jorge Amaral Bezerra

Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara

Prof. Dra. Isabel Porto Nogueira

Prof. Dr. José Justino Faleiros

Profa. Lígia Antunes Leivas

Profa. Dra. Neusa Mariza Leite Rodrigues Felix

Prof. Dr. Renato Luiz Mello Varoto

Prof. Ms. Valter Eliogabalos Azambuja

Prof. Dr. Volmar Geraldo Nunes

Prof. Dr. Wilson Marcelino Miranda

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

*Diretor:* Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

*Vice-Diretor:* Prof. Dr. Jabr Hussein Deeb Haj Omar

**NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA**

*Coordenadora:*

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

*Membros do NDH:*

Prof. Dr. Adhemar Lourenço da Silva Jr.

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

*Técnicos Administrativos:*

- Paulo Luiz Crizel Koschier

- Ivoni Fuentes Motta

**HISTÓRIA EM REVISTA**

Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

*Conselho Editorial:*

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPel)

Prof. Dr. Temistocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

*Editora:*

Profª. Dra. Lorena Almeida Gill

*Editoração e Capa:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

**Editora e Gráfica Universitária**

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

**Impresso no Brasil**

*Edição: 2008*

ISSN – 1516-2095

*Tiragem: 300 exemplares*

**Dados de catalogação na fonte:**

Ayde Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.14, (dez. 2008). – Pelotas: Editora da UFPel, 2008.  
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

IMAGEM DA CAPA: Praça Coronel Pedro Osório (Pelotas/RS), do livro "Rio Grande do Sul: Imagens da Terra Gaúcha", de Morency do Couto e Silva, 1942 (Acervo da Biblioteca de Ciências Sociais da UFPel).

**Indexada pela base de dados Worldcat  
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA  
WE ASK FOR EXCHANGE**

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

Fone/Fax: (53) 3278-6765

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

*e-mail:* ndh@ufpel.edu.br

# A MEMÓRIA DOS PAPÉIS DE GÊNERO: HOMENS E MULHERES NO UNIVERSO FABRIL GAÚCHO DO INÍCIO DA REPÚBLICA VELHA (1889 - 1920)

The memory of the gender role: men and women in the universe manufacturer gaucho of the beginning of Old Republic (1889 - 1920)

Evangelia Aravanis\*

---

**Resumo:** O artigo visa analisar a divisão sexual do trabalho e as lógicas de gênero que nortearam a forma de distribuição da mão de obra feminina e masculina no parque industrial do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República Velha (1889-1920). O corpo documental do trabalho é composto por documentos oficiais e fontes periódicas diversas (revistas, jornais comerciais e operários). Analisa-se também como tal disposição com base no gênero do mercado de trabalho fabril resultava na exigência de corpos específicos para homens e mulheres, em uma somatização das relações de poder impostas pela produção. O texto visa, em resumo, contribuir, a partir de uma análise temporal-espacial específica, para as discussões travadas pelos estudos que tematizam as relações entre classe, gênero e trabalho.

**Palavras-chaves:** divisão sexual do trabalho, lógicas de gênero, corpo, Rio Grande do Sul.

---

O Estado do Rio Grande do Sul vivia na virada do século XIX para o XX um processo acelerado de industrialização que resultava num crescimento numérico da mão de obra operária, bem como da presença feminina no espaço da fábrica. Os pólos industriais do período localizavam-se nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, que constituíam o principal cenário urbano fabril do estado<sup>1</sup>.

---

\* Dra. em História pela UFRGS; Profa. do Curso de História da ULBRA-CANOAS (RS). E-mail: aravanis.ez@terra.com.br

<sup>1</sup> A este respeito ver, dentre outros: PESAVENTO, S. **A Burguesia Gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho.** (RS 1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 62-68; REICHEL, Heloísa Jochims. "A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha". In: DACANAL, GONZAGA (Orgs.) **RS: Economia e Política.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p.255-275; LONER, A. Beatriz. **Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930).** Pelotas, Universidade Federal de Pelotas: Ed. Universitária / Unitrabalho, 2001, p. 44-50.

Parte da historiografia regional aponta o crescimento numérico da presença da mulher no espaço da fábrica como fruto direto deste processo de mecanização da indústria que vinha a baratear, a dividir e a facilitar as tarefas<sup>2</sup>. Alguns trabalhos mais recentes mapeiam a localização da mão de obra feminina no parque industrial do Estado no início da República Velha, realizando tal tarefa de forma circunscrita a determinadas cidades. Tais trabalhos, contudo, não se propõem a trazer à tona e problematizar algumas das lógicas que norteavam esta organização com base no gênero do mercado de trabalho fabril do Rio Grande do Sul<sup>3</sup>.

A proposta aqui é a de avançar um pouco nesta discussão, analisando, mais detidamente, estes aspectos pouco trabalhados, ou mesmo desconsiderados, pela historiografia. Neste sentido, o presente artigo, busca apresentar um quadro, ainda que sucinto, da divisão sexual do trabalho no parque industrial gaúcho nos primeiros anos da República (1889-1920) e apresentar algumas das lógicas que norteavam esta forma de distribuição da mão de obra feminina e masculina nesse espaço, considerando as próprias práticas de empregabilidade do período. Claro está que estas práticas não são fruto exclusivo de uma ação patronal, mas resultado de um embate social vivido no espaço da fábrica. Aborda-se também como tal organização com base no gênero do mercado de trabalho fabril resultava na exigência de corpos específicos para homens e mulheres.

A documentação consultada foi um pouco além daquela geralmente pesquisada nos estudos da história operária. Além dos documentos fabris e dos jornais operários, trabalhou-se também com documentos oficiais do período e com dois jornais comerciais e diários da época: *O Diário* (1911-1915) e o *Correio do Povo* (1896-1920). Este último constituiu-se de grande valia para o trabalho, pois, ainda que editado em Porto Alegre, era farto em informações sobre todo o estado. Para a capital consultou-se também dois jornais simpáticos à causa operária: *A Gazetinha* (1895-1899) e o *Echo do Povo* (1908-1913).

Uma primeira observação que deve ser aqui feita com relação à problemática em questão é que o processo de mecanização fabril vivido no

---

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, PESAVENTO, Sandra, 1988, op. cit.; PESAVENTO, S. **Os pobres da cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

<sup>3</sup> Ver VASCONCELLOS, Naira & MARCON, Carla. O trabalho feminino na indústria têxtil em Porto Alegre 1900-1920. *Revista Textura*. v.3. Canoas: 2000. e SILVA, Maria Amélia G. **Mulheres operárias em Pelotas e Rio Grande (1890-1920)**. Porto Alegre: IFCH/PUCRS, 1998. Dissertação (Mestrado em História). Há, ainda, uma obra clássica e mais antiga, para um período logo posterior ao aqui estudado, que também segue esta linha: SILVA, Lorena Holzmann da. **Mulher e Trabalho: Estrutura ocupacional feminina no RS (1920-1970)**. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, Porto Alegre, 1977. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

Estado nem sempre abriu espaço para a admissão da mão de obra feminina. Cabe introduzir uma comparação com outro contexto. Como demonstra Joan Scott em seu artigo “A mulher trabalhadora” – que trata da trabalhadora europeia e norte-americana do séc. XIX -, a discriminação entre os gêneros que se faz presente, por exemplo, na hora de alocar preferencialmente as mulheres em funções de baixa remuneração também se manifesta, e de forma primeira, através de uma divisão sexual do mercado de trabalho. Comenta a autora a esse respeito:

[Os empregadores] desenvolviam uma diversidade de estratégias para cortar os custos laborais. Instalavam máquinas, dividiam e simplificavam tarefas nos processos de fabrico, baixavam o nível e competência (e/ou formação e prática) requerido para os seus empregados, intensificavam o ritmo e produção e reduziam os salários. Isto nem sempre significava admitir mulheres, pois havia muitos empregos considerados impróprios para elas e outros em que a resistência dos trabalhadores masculinos tornava impensável a contratação de mulheres.[...]

[No universo europeu e norte-americano do século XIX] as mulheres eram associadas ao trabalho barato, mas nem todo trabalho barato era considerado apropriado para elas. Se eram consideradas aptas para trabalhar nos têxteis, na confecção, no calçado, no tabaco, na alimentação e na marroquinaria, raramente eram encontradas nas minas, na construção civil, na construção mecânica ou naval, mesmo quando havia a necessidade de mão de obra considerada ‘não qualificada’. Um delegado francês à Exposição de 1867 descreveu claramente as distinções de acordo com o sexo, os materiais e as técnicas: ‘Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos’.<sup>4</sup>

Scott explica alguns contornos desta divisão sexual do mercado de trabalho europeu e norte-americano através de certas continuidades históricas no próprio conceito de trabalho feminino. Se no século XVIII as tarefas de agulha eram sinónimo de trabalho de mulher (como o da costureira), no século XIX, mesmo em um novo contexto da industrialização, aquelas tarefas continuaram na órbita feminina. Esta tradição nas “tarefas de agulha” tornava possível a presença da mulher nas indústrias têxteis, de vestuário e calçados (após a introdução de fios e o fim do uso de tachas na confecção).

Além disso, tarefas que requeriam dedos delicados e ágeis, paciência e perseverança eram também considerados como da “natureza feminina”. Daí a presença da mulher em indústrias alimentícias e de bebidas.<sup>5</sup> Também, conforme Scott, embora o trabalho feminino fosse mal remunerado, nem todo

---

<sup>4</sup> SCOTT, Joan. “A mulher trabalhadora”. In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (org.) **História das mulheres no ocidente. Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento Ltda. 1991. V. 4, p. 453-454; 460.

<sup>5</sup> SCOTT, J. 1991, op. cit. p. 450, 460-461.

era desqualificado. Pode-se, neste sentido, ser ainda mais interrelativo na análise e questionar se há, de fato, uma não-qualificação do trabalho feminino, mesmo em fábricas altamente mecanizadas. Como afirma Danièle Kergoat, a aparente não-qualificação feminina, expressa em tarefas manuais simples que a mulher pretensamente realiza graças à sua 'natureza feminina' (destreza manual, paciência etc.), é na realidade, fruto de habilidades adquiridas pela mulher na sociedade moderna, ao longo de toda uma vida associada às atividades reprodutivas: ser mãe, ser dona de casa e ter habilidades domésticas, etc.<sup>6</sup>

O trabalho dos homens, por sua vez, segundo Scott, era associado neste contexto à força muscular e à velocidade, sendo reconhecida como 'natural' a presença masculina nas funções em que os músculos eram requeridos, como nas minas, na construção naval, mecânica e civil; bem como o entendimento de que o trabalhador masculino era mais qualificado e de maior valor que o feminino.<sup>7</sup>

No Rio Grande do Sul, pelo que se identificou, não se fugiu muito ao juízo proferido pelo delegado francês à grande exposição industrial de 1867: "*Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos*"<sup>8</sup>.

Através do levantamento realizado junto à documentação consultada verificou-se que no Rio Grande do Sul das primeiras décadas do século XX a mulher estava presente na indústria têxtil, de vestuário, calçados, cigarros e charutos, fósforos e alimentícia.

---

<sup>6</sup> KERGOAT, D. **Les ouvrières**. Paris: Le Sycomore, 1982, p. 55-56. Aqui acompanho uma bibliografia que relativiza e até, em alguns casos, invalida as compreensões de época e tendências historiográficas que entendem ser o trabalho da mulher operária pouco qualificado. Menciono como exemplos os trabalhos de: KERGOAT, Danièle. **Les ouvrières**. Paris: Le Sycomore, 1982; LE DOARÉ, Hélène. "Divisão sexual e divisão internacional do trabalho: reflexões a partir das fábricas sub-contratadas de montagem (México-Haiti)". In: KARTCHEVSKY-BULPORT, A. et al. **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; RODRIGUES, Arakcy Martins. "Lugar e imagem da mulher na indústria". In: BRUSCHINI & COSTA (Orgs.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

<sup>7</sup> SCOTT, J. "A mulher...". In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Orgs.) **História das...** 1991, p. 460.

<sup>8</sup> SCOTT, J. 1991, op. cit. p. 453.

<b>Têxtil vestuário</b>	e	<u>Porto Alegre</u> : Fábrica de Meias A. J. Renner; Cia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense; Cia Fabril Porto-Alegrense; Fábrica de Tecidos e Fiação Oscar Schaitz, de J. Papst & Cia; Francisco Tanhauser; F. C. Kessler & Comp.; e várias pequenas oficinas de costura. <u>Pelotas</u> : Tecelagem Ítalo-Brazileira; Companhia União Fabril; Fábrica de Chapéus Pelotense ; Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. <u>Rio Grande</u> : Companhia União Fabril; Tecelagem Ítalo-Brazileira.
<b>Alimentícia</b>		<u>Porto Alegre</u> : Neugebauer Irmãos. <u>Pelotas</u> : Fábrica Aliança; Leal, Santos & Cia; Cervejaria Sul-Riograndense. <u>Rio Grande</u> : Leal, Santos & Cia; Estabelecimento de Túlio Martins de Freitas; Moinho Rio-Grandense. <u>São Sebastião do Cajá</u> : Oderich & C.
<b>Cigarros Charutos</b>	e	<u>Porto Alegre</u> : Estabelecimento de H. Rodhe. <u>Pelotas</u> : Fábrica São Rafael <u>Rio Grande</u> : Fábrica de charutos havanezes e nacionais Pook & Comp.
<b>Perfumaria medicamentos</b>	e	<u>Porto Alegre e Pelotas</u> : Estabelecimentos de Adolpho Voight, de F.C.Lang & Cia; <u>Pelotas</u> : Estabelecimento Industrial Pharmaceutico Souza Soares.
<b>Fósforos</b>		<u>São Leopoldo</u> : Sul Rio-Grandense.
<b>Calçados</b>		<u>Porto Alegre</u> : Companhia Progresso Industrial <u>São Leopoldo</u> : Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.

Mesmo não tendo sido identificadas todas as tarefas desempenhadas pelas mulheres nas indústrias de tecido, de vestuário e de calçado, elas foram encontradas exercendo atividades que requeriam habilidades com fios e agulhas: eram costureiras<sup>9</sup> e tecelãs<sup>10</sup>. Já na indústria de cigarros, de charutos e

<sup>9</sup> Como costureiras na indústria têxtil: Cia. Fabril Porto-Alegrense e na Companhia União Fabril (Rheingantz) de Rio Grande. (Ver: **A GAZETINHA**, Porto Alegre: 05/03/1896, p.4, 21/09/1898, p.2; **ECHO OPERÁRIO**, Rio Grande, 24/07/1898, p.4; **A LUTA**, Porto Alegre, 15/12/1906, p.2.). Na indústria do vestuário; roupas brancas, gravatas, espartilhos e chapéus (em várias pequenas oficinas do estado como em fábricas), ver: **A GAZETINHA**, Porto Alegre: 05/03/1896, p.4, 22/08/1897, p.3; **CORREIO DO POVO**, Porto Alegre: 24/06/1900, p.4, 05/06/1911, p.1, 12/05/1911, p.5, 30/06/1911, p.1, 28/08/1912, p.9, 01/11/1912, p.1. **A DEMOCRACIA**, Porto Alegre: 28/02/1907, p.2, 14/02/1907, p.2. **ECHO DO POVO**, Porto Alegre, 24/09/1908, p.1. Na indústria de calçados também ocupavam a função de costureiras,

de fósforos, as mulheres foram encontradas em funções que requeriam destreza manual: eram empacotadoras<sup>11</sup> e/ou enroladoras de cigarros e charutos<sup>12</sup>. Na indústria alimentícia, por sua vez, as informações mais precisas revelam que na *Fábrica Aliança* de Pelotas, as mulheres trabalhavam na 1ª seção desta fábrica, a que fazia conservas de carne, peixe, frutas e legumes. Na 2ª seção, que produzia charque e banha, só homens trabalhavam<sup>13</sup>.

Embora nem sempre tenha encontrado referências diretas sobre o emprego específico de homens em determinadas áreas da produção<sup>14</sup>, observei que essa ausência de informações ocorria nos documentos quando se tratavam de ramos de atividade associadas a determinados ofícios de tradição masculina, como marcenaria, funilaria, carpintaria, tipografia, litografia, metalurgia, oficinas mecânicas e fundições. Destaco que muitos meninos já eram referidos como executores de serviços que “respeitavam” esta linha demarcatória do que era tido como trabalho de homem e de mulher. Muitos eram ajudantes ou aprendizes em oficinas de tipografia, calçados e carpintaria; trabalhavam em

---

como se vê a partir do seguinte anúncio: “*Precisa-se de 30 montadores, 2 cortadores e de costureiros e costureiras na Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense, de Pedro Adams Filho. São Leopoldo*” (**CORREIO DO POVO**, Porto Alegre, 13/10/1912, p.2). Sobre o emprego da mulher como costureira na indústria de calçados ver também: **A GAZETINHA**, Porto Alegre, 17/10/1897, p.2, **O DIÁRIO**, Porto Alegre, 26/09/1911, p.5 e **CORREIO DO POVO**, Porto Alegre, 12/04/1914, p.22. Sobre o emprego do homem como cortador, montador e acabador de sapatos nesta mencionada indústria, ver: **CORREIO DO POVO**, Porto Alegre: 17/02/1899, p.3 e 02/02/1901, p.1.

<sup>10</sup> Várias foram as referências encontradas sobre o emprego de mulheres como tecelãs. Observei, contudo, a existência de homens também nesta função. Não foi possível, no entanto, saber se ambos exerciam ou não atividades distintas. (**ECHO OPERÁRIO**, Rio Grande, 18/09/1897, p.4; **A DEMOCRACIA**, Porto Alegre, 13/08/1905, p.3; **CORREIO DO POVO**, Porto Alegre, 29/03/1901, p.2; 04/07/1911, p.8). Ver também a dissertação de mestrado de Maria Amélia G. Silva (op. cit., p.143-182).

<sup>11</sup> Identifiquei como uma das tarefas das mulheres nestas indústrias o enchimento de caixas com fósforos (**AVANTE**, Porto Alegre, 24/06/1908, p.3).

<sup>12</sup> Na Fábrica de charutos havaneses e nacionais Poock & Comp. (Rio Grande), a maior no gênero da época e com mão obra eminentemente feminina, todo trabalho era feito manualmente, já que não havia maquinismos na produção. Conforme também anúncio que relata a existência de vagas para “*boas cigarreiras para manufaturar os cigarros pérolas, senadores e conquistadores*” (**A DEMOCRACIA**, Porto Alegre, 28/02/1907, p. 4). Ver ainda a exigência desta precisão manual para a função de cigarreira no **CORREIO DO POVO**, Porto Alegre, 12/05/1911, p.1; 12/04/1914, p.1; 17/12/1913, p.14 e **O DIÁRIO**, Porto Alegre, 19/05/1912.

<sup>13</sup> **O Rio Grande do Sul industrial**. Porto Alegre: Echenique, 1907.

<sup>14</sup> As referências mais diretas obtidas foram em anúncios de jornais - operários ou não - que informavam sobre ofertas de trabalho. Ver, por exemplo, **A DEMOCRACIA**, Porto Alegre, 24/01/1907, p.4; 28/02/1907, p.4. **CORREIO DO POVO**, Porto Alegre, 29/03/1901, p.2; 04/07/1911, p.8. **O DIÁRIO**, Porto Alegre, 13/10/1911, p.2.

fundições e estaleiros, para citar alguns exemplos<sup>15</sup>. É importante aqui salientar que esta não referência direta pode ser entendida como um tipo de discurso que revela o que era tido como impensável para as mulheres enquanto exercício de um ofício ou trabalho profissional. Ou seja, pedir-se um marceneiro, um tipógrafo, um funileiro, etc era o mesmo que solicitar um homem para o exercício destas funções até então indiscutivelmente masculinas.

Abaixo segue um quadro dos estabelecimentos encontrados para o Rio Grande do Sul que desenvolviam atividades tidas tradicionalmente como masculinas. Em outras palavras, estes eram estabelecimentos do Estado em que os operários homens eram maciçamente majoritários.

<b>Tipografias e Litografias</b>	<p><u>Porto Alegre</u>: Estamparia Hirtz &amp; Irmãos.  <u>Pelotas</u>: Echenique &amp; Comp; Oficina de litografia do Estabelecimento Industrial Farmacêutico Souza Soares (medicamentos).  <u>Rio Grande</u>: Estamparia Rio-Grandense; Lopes &amp; Faral; Oficina de Litografia da Fábrica Leal, Santos &amp; Cia (conservas).</p>
<b>Fábricas de Móveis, Carpintarias e Marcenarias</b>	<p><u>Porto Alegre</u>: Carpintaria Porto Alegrense Germano Steigleder Sob.; Fábricas de móveis de Arbos &amp; Salvador, de Kappel &amp; Arnt, de Francisco Herzog e de Walter Gerdau; Oficinas de carpintaria da Fábrica H. Ritter &amp; Irmãos (conservas) e de Jorge R. Petersen (escovas).  <u>Pelotas</u>: Oficinas de carpintaria da Fábrica de Chapéus Pelotense, da Empresa Domingos José de Oliveira (sabonetes e essências), da Fábrica Aliança (conservas), da Empresa Christiá &amp; Comp. (vinhos e licores) e do Estabelecimento Industrial Farmacêutico Souza Soares.  <u>Rio Grande</u>: Oficinas de carpintaria da Fábrica Companhia União Fabril (Têxtil), da Empresa Túlio Martins de Freitas (conservas) e da Fábrica Leal, Santos &amp; Cia.</p>
<b>Fundições, Metalúrgicas</b>	<p><u>Porto Alegre</u>: Fundação Alberto Bins; Metalúrgica de Victor H. da Silva; Empresa Wallig &amp; Comp.; Oficinas de</p>

<sup>15</sup> Conforme dados constantes, por exemplo, no **CORREIO DO POVO**, Porto Alegre: 11/03/1899, p.2; 24/01/1901, p.1; 09/02/1915, p.4; e **n'A LUTA**, Porto Alegre, 19/07/1908, p.2.

<b>e Serralherias</b>	funilaria das fábricas Nicoláo Greco & Cia (banha), Rodolpho França, Neugebauer Irmãos(doces); Oficinas de serralheria das Fábricas de H. Ritter & Irmãos (conservas); de Jorge R. Petersen e de Túlio Martins de Freitas (conservas). <u>Pelotas</u> : Oficina de ferraria e serralheria da Fábrica de chapéus Pelotense e da Fábrica Aliança. <u>Rio Grande</u> : Oficina de máquinas de Augusto José Dias; Oficinas de fundição e serralheria das Fábricas Companhia União Fabril e Leal Santos & Cia (conservas).
<b>Olarias</b>	Olaria Berto Cyrio (Vale do Rio dos Sinos) Empresa de Domingos Stanisci (Pelotas)
<b>Outros</b>	Estaleiro José Becker & Irmão (Porto Alegre); Oficina de Carruagens Luiz Rothfunchs & Irmãos (Porto Alegre); Curtume Mario Ribeiro (Rio Grande); Oficina de estatuária e Mosaicos de João Vicente Friederichs (Porto Alegre).

Estabelecendo um paralelo entre os salários femininos e masculinos, observei uma grande oscilação de valores, ainda que o salário das operárias fosse o mais baixo. No quadro abaixo elaborado a partir do “Relatório Apresentado ao Ex. Sr. Dr. Protásio Alves, pela Secretaria do Estado dos Negócios do Interior e Exterior”, em 1916, fica clara esta discriminação<sup>16</sup>:

<b>EMPRESA</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>
Cia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense	7\$000	4\$000
Cia. Fabril	7\$000	4\$000
Fábrica de Tecidos e Fiação – Oscar Schaitz e Cia.	4\$000	2\$500
Fábrica de Meias A. J. Renner e Cia	4\$000	2\$000

A mão de obra feminina, por ser de menor remuneração, era também

<sup>16</sup> Maiores informações a respeito vide ARAVANIS, Evangelia. **O corpo em evidência nas lutas dos operários gaúchos**. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 2005, pp.88-95. Tese (Doutorado em História)

empregada pelos empresários, a fim de maximizar seus lucros, de forma concorrente à mão de obra masculina e, em determinadas ocasiões, isso tinha ainda conseqüências sobre os rendimentos dos homens, que eram rebaixados. Apesar da existência de matérias na imprensa operária que sugerem ser esta prática uma ação generalizada, os dados aí levantados apontam que esta ação se dava na área da produção onde as tarefas eram tidas como compatíveis com a “natureza feminina”: na indústria têxtil<sup>17</sup> e nas atividades de costura. É ilustrativo deste caso o artigo do *Echo Operário* de Rio Grande, escrito por um ressentido alfaiate, que clama pelo fim da concorrência com as costureiras e pela justiça de um salário mais alto para sua categoria profissional:

À classe dos alfaiates

Quem vos dirige a palavra escrita neste momento, desejaria poder fazê-lo a um por um, para assim convencer-se de que não têm nesta cidade colegas capazes de unirem-se na defesa dos direitos como lhe dizem e como lhe parece impossível.

Chegado [ilegível] a esta cidade fui surpreendido com a notícia que me deram que não há [ilegível] alfaiates associados em grêmio [ilegível] operário, e que, entretanto a nossa classe é uma das mais sacrificadas pelos preços mesquinhos que recebe pelas peças de obra já pela competência que nos fazem as costureiras a quem patrões sem escrúpulo entregam trabalhos menos importância mas que deveriam ser dadas aos oficiais para que de qualquer forma compensarem o nosso trabalho geralmente trabalhoso e de fazendas ruins de trabalhar.

Segundo me consta a já alguns anos que isto se dá e ainda não houve um protesto por parte dos oficiais e alfaiate!

Pois bem, eu apelo para os nossos interesses e para a nossa dignidade de artistas para que nos unamos na União Operária e daí estudarmos o melhor modo de evitar essa guerra que nos fazem as costureiras que se sacrificam a si, desgraçando-nos a nós.

Bem sabemos que é a miséria a causa dessa guerra; mas se elas podem ganhar mais sem guerrear-nos, basta que nós nos unamos, por que não havemos de fazê-lo? Elas geralmente têm quem as sustente, apenas trabalham para auxiliar os maridos, por isso qualquer coisa lhes serve; mas nós que não temos outro recurso devemos buscar guerrear este sistema de competência, travando uma campanha de descrédito as casas que assim exploram a freguesia e a nós. Amandio Christo (ECHO OPERÁRIO, 18/12/1898, p.3)

Com relação às lógicas que norteavam esta forma de disposição “gerada” do mercado de trabalho fabril, observa-se, com base no que foi exposto, que o trabalho feminino era entendido como compatível às tarefas que exigiam dedos delicados e ágeis, certa paciência, lida com alimentos e fios

---

<sup>17</sup> Conforme o ECHO OPERÁRIO (07/11/1897, p.1) de Rio Grande, “na fábrica ítalo-brasileira sabemos que dão preferência ao pessoal feminino pelo masculino! Não vamos dizer que seja isso por espírito de altruísmo, humanitário e social; pois que se dali não lhes viesse vantagem, eles não se lembrariam de fazer preferências; a vantagem está, em que as mulheres sujeitam-se mais a explorações que os homens, por trabalharem sempre mais barato que estes.”

e agulhas, e que não necessitavam, obrigatoriamente, da força muscular. Já com relação ao trabalho masculino, os músculos, o “perigo” (locais com a presença do ferro e do fogo) e o trabalho “pesado” (trabalho com a madeira, com a pedra, etc.) eram o mote. Os locais indiscutíveis de trabalho dos homens eram as marcenarias, as fundições, as funilarias, os estaleiros, as tipografias, etc..

Sobre estas lógicas apresentadas, bem como sobre a divisão sexual fabril exposta, é pertinente observar que elas não são inéditas, mas recorrentes na Europa ocidental dos primórdios da industrialização, conforme apontado por Joan Scott, o que parece acompanhar uma tendência geral no mundo fabril, considerando-se os dados trazidos por Maria Valéria Junho Pena para os principais pólos fabris do Brasil do início do século XX, São Paulo e Rio de Janeiro:

(...) em 1920, as mulheres compunham [em São Paulo e Rio de Janeiro] a maioria absoluta de operariado no têxtil, em certos ramos de confecção (camisas, roupas, chapéus para senhoras, fitas e cadarços, roupas para homens, redes, flores artificiais, chapéus de pano e bonés, chapéus de palha, rendas e bordados), na produção de fumos, cigarros, charutos, de caixas de papelão, fósforos, perfumarias e chocolates. [...] Mecânica, metalurgia, construção civil, produção e distribuição de água, gás e eletricidade, curtume e editorial e gráfica praticamente desconheciam a presença de trabalhadoras mulheres<sup>18</sup>. (PENA, 1981, p.140-141).

Como se pode perceber, ainda que se encontrassem “abertas” as portas para o ingresso maciço das mulheres no mundo fabril do trabalho, este processo foi matizado por sua condição de gênero.

No caso aqui específico, o que se vê, é o reforço de funções tidas como naturais à mulher no período – a delicadeza, a paciência, a agilidade manual, a lida com alimentos e fios e agulhas – qualidades que, na verdade, são frutos de toda uma trajetória feminina vinculada às atividades domésticas e reprodutivas (ser mãe, dona-de-casa e esposa), modelos do feminino à época<sup>19</sup>.

Já com relação aos homens pode-se também apontar a presença desta matização histórica de gênero, certamente resultado do fato do espaço público ser, no período, um “mundo” entendido como eminentemente masculino.

---

<sup>18</sup> PENA, Maria V. Junho. **Mulheres e trabalhadora**: presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

<sup>19</sup> A bibliografia a respeito deste modelo do feminino é extensa. Cito somente algumas obras a título de referência: RAGO, Margareth. *Relações de Gênero e classe operária no Brasil, 1890-1930*. In: **Caderno Espaço Feminino**. Minas Gerais: Ed. Universidade Federal de Uberlândia, 1998, p. 05-24; COSTA, Jurandir F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989; PERROT, Michelle. “Figuras e papéis”. In: ARIÉS & DUBY. **História da vida privada: Da revolução à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

Como se denota a este respeito, o homem exerce funções relacionadas a valores positivos de construção da masculinidade à época: força, virilidade e coragem.

Em resumo, no Rio Grande do Sul, não se fugiu muito ao juízo proferido pelo já mencionado delegado francês à grande exposição industrial de 1867: *“Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos”*, fato este que parece acompanhar uma tendência geral no mundo fabril, conforme se deduz das análises de Joan Scott para Europa e os EUA, do século XIX para o XX, e de Pena para os principais pólos industriais do Brasil à época.

Em seu artigo *“A dominação masculina”* Pierre Bourdieu afirma que os gêneros se estruturam a partir de uma oposição binária entre o *“mundo exterior”* (o trabalho com fogo, perigoso; não vinculado à procriação, o oficial, o visível, o socialmente reconhecido etc.), que corresponde ao masculino, e o *“mundo interior”* (a casa, a família, etc.), que corresponde ao feminino, atribuindo, além disto, nesta estrutura binária, uma posição hierárquica superior ao primeiro pólo.<sup>20</sup>

Sem pretender assumir, em sua totalidade, o quadro analítico destas oposições entendidas como estruturalmente vigente entre os gêneros - o que sem o devido confronto com a realidade, pode acarretar numa interpretação reinstituidora de concepções essencialistas -, acredito que este autor oferece elementos que contribuem para o entendimento da forma de ingresso da mulher no mundo público do trabalho. Observo, nesta perspectiva, que quando a mulher ingressa no espaço externo/masculino isto não ocorre sem a marca do polo dominante. Em outras palavras, sua ida ao mundo público/externo do trabalho se dava *“por baixo”*, pois de forma mal remunerada e de acordo com aquilo que era entendido como do *“frágil”* universo feminino à época.

O presente texto ainda propõe, como mencionei, um outro viés de análise. A abordagem a respeito da necessidade de construção, pelo capital industrial, de corpos específicos para os gêneros visando o trabalho fabril.

Bourdieu em seu já citado artigo expõe o que chama de uma *“somatização das relações de dominação”*, demonstrando que o *“mundo social”* confere um *“golpe de força sobre cada um de seus sujeitos”*; imprimindo nos corpos *“um verdadeiro programa de percepção, apreciação e ação que, na sua dimensão sexuada e sexuante, como em todas as outras, funciona como uma natureza (cultivada/segunda)”*<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> BOURDIEU, Pierre *“A dominação masculina”*. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre: EDUFGRS, 1995. V. 20 n° 2. Jul./dez. 1995, p.137-145.

<sup>21</sup> BOURDIEU, P. *“A dominação ...”*. *Educação & ...* 1995, p.145.

Em outras palavras, pode-se afirmar que o Capital vinha impondo um “golpe de força” sobre os corpos dos operários no Rio Grande do Sul daqueles anos, transformando-os naquilo que o sistema fabril exigia para cada um dos gêneros. Os industrialistas necessitavam, para o exercício dos trabalhos fabris em questão, de corpos masculinos com desenvoltura física dos braços (braços fortes) e de operárias com dedos e braços ágeis. Ou seja, para os homens, a desenvoltura da força muscular; já para as mulheres, a destreza e a habilidade manual fina.

A figura do operário musculoso trabalhando na máquina e o da operária pacienciosa e manualmente ágil na lida em um tear, frequentemente divulgados pelas publicações da época, são bem emblemáticas da exigência - e da existência - destes corpos em questão. Esta exigência, observo, também era um elemento que re-alimentava uma exigência social do período com relação aos valores e aos “tipos” de corpos que homens e mulheres deviam buscar adquirir. Se com homens os corpos deveriam conter a força e a coragem (refletindo o “lado” frio e racional do homem); à mulher as qualidades e atributos corporais deveriam ser a fragilidade e a delicadeza<sup>22</sup>.

A matéria transcrita abaixo sugere que talvez bem cedo, em 1897, já se fizesse presente, entre alguns industriais e parte da imprensa comercial da capital, o entendimento de ser perfeitamente possível o trabalho feminino na fábrica, desde que não se exigisse da mulher o que não deve ser um atributo de seu gênero: a força muscular.

#### A IMPRENSA EM S. LEOPOLDO

Ante-ontem a convite do Srs. Jung & C. fomos visitar a fábrica de fósforos daqueles Srs. donde trouxemos agradáveis recordações, pois tivemos ocasião de verificar que naquela fábrica existem máquinas as mais aperfeiçoadas e que são manipuladas por operárias e com maior facilidade.

A disposição da imprensa convidada para essa visita e ao mesmo tempo para ajuizar a calúnia feita a essa fábrica por um jornal alemão, foi posto um carro reservado no trem que partiu as 7:50 h. da manhã sendo conduzidas de carro até a estação todas as redações, as quais se fizeram representar da forma seguinte:

A “Federação”, pelo seu proprietário sr. Eduardo Marques; “Gazeta da Tarde”, pelo Sr. dr. Germano Hasslocher e Luiz M. Gonzaga; “Correio do Povo”, pelo Sr. Caldas Júnior; “Mercantil”, pelos Srs. dr. Andrade Neves Netto e Isnard Dantas Barreto; “República”, pelo Sr. Daniel Job; “Reforma”, pelo Sr. Carlos Maximiliano e Eugênio de Magalhães; “Deutsch Zeitung”, pelo Sr. Arno Philipp; “Koseritz Deutsch Zeitung”, pelo Sr. Christiano Kleikamp; esta folha pelo nosso companheiro de redação Alfredo Ferraz e “Jornal do Comércio” pelos Srs. Armando Kirch e Fernando Miranda. (A GAZETINHA,

---

<sup>22</sup> Ver a respeito: SANT’ANNA, Denise B. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995; PRIORE, Mary Del. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

08/08/1897, p.1)

O presente trabalho não pretendeu esgotar a discussão a respeito da problemática aqui tratada, muito pelo contrário. A intenção foi a de apresentar alguns resultados de pesquisa que, se acredita, podem servir de base para outros estudos acerca do tema.

Como se pretendeu demonstrar, havia claramente certas lógicas de gênero que organizavam o mercado de trabalho fabril no Estado, colocando as mulheres em algumas ocupações e não em outras, o que valia também para os homens. Ou seja, as relações entre os gêneros matizavam e/ou determinavam as próprias relações produtivas capitalistas. De igual maneira buscou-se expor como o capital vinha forjando a construção de corpos entre os operários, e isto considerando a própria pressão sofrida pelo fator gênero. Acredita-se também que as informações aqui contidas possam auxiliar futuras pesquisas que analisem períodos posteriores a este, pois, no presente trabalho, apontamos lógicas que estão na base do próprio processo de industrialização ocorrido no Estado do Rio Grande do Sul.

---

**ABSTRACT:** This paper seeks to analyse the rationalities that lead the distribution of female and male labor force in the industrial park of Rio Grande do Sul in the first decades of Republica Velha (1889 - 1920). The historical sources consulted for this research work are composed by factory documents, as well as commercial, official and working class periodicals. It is also analysed how the organization of factory labor demanded the genders for specific bodies, resulting in a somatic understanding of power relationships. This paper intends to contribute to the discussions focalizing the relationships between class, gender and labor.

**Key Words:** sexual division of labor, rationalities of gender, body, Rio Grande do Sul.

---

Evangelia Aravanis  
aravanis.ez@terra.com.br

Artigo recebido em agosto de 2008  
Aprovado em setembro de 2008